

Um modelo de dança equilibrado em três eixos

00:00 / 12 de Janeiro de 2014



São Paulo Companhia de Dança volta a lançar produtos de registro e fruição de suas obras, em artigos e vídeos

No cenário das artes cearenses, é fato que os coletivos ainda se dedicam pouco a outros eixos, que não o da produção artística. Formação de plateia, compilação de registros do grupo, produção de artigos sobre os processos artísticos e elaboração de oficinas são alguns exemplos. Compreende-se que, em geral, tais projetos esbarram em questões de ordem financeira, já que o lançamento de livros e vídeos sobre o repertório ou mesmo a circulação da companhia por outras cidades, exige um investimento do qual nem sempre se dispõe.

*Cena de "In the middle, somewhat elevated"; e Inês Bórgea, diretora FOTO: SILVIA MACHADO/
DIVULGAÇÃO*

Não por isso, no entanto, essas etapas deixam de ser importantes. Ao contrário, elas também representam uma parte da construção artística e, portanto, da evolução de cada coletivo dentro de sua linguagem específica. Inaugurada em janeiro de 2008, a São Paulo Companhia de Dança (SPCD) é um exemplo de grupo de arte concretamente dedicado a três eixos: produção artística, formação e manutenção da memória.

Com 99 funcionários, destes 45 bailarinos, a SPCD impressiona pelos números, não apenas de concepção artística (29 coreografias, 390 apresentações, público superior a 340 mil pessoas), mas também de produtos de formação e de fomento: em cinco anos, já foram lançados 26 documentários da série "Figuras da Dança", sete documentários "Canteiro de Obras", cinco filmes para educadores e cinco livros de ensaios.

"Aqui nós acentuamos a importância do passado. Entendemos que o presente se vive nutrido pelo passado - não sem sucessivas passagens de contestação. Portanto, a gente tem que ser capaz de cultivar uma tradição", afirma Inês Bórgea, diretora da companhia.

Naturalmente, como equipamento cultural do Governo do Estado de São Paulo, a SPCD já nasce preparada - inclusive financeiramente - para atuar nesses três eixos, mas, como reforça a diretora, preocupar-se com memória e difusão é um imperativo para qualquer coletivo.

"Toda companhia cria a sua história. Talvez de forma menos sistemática, mas todas elas têm a possibilidade de contar e de registrar seu caminho. Temos muitos mecanismos, hoje com a internet, por exemplo, todo mundo tem como postar vídeos ou ir juntando as matérias de jornais. Ao produzir o 'Figuras da Dança', pude perceber a importância de as pessoas terem organizado seus materiais", argumenta Bórgea.

A fim de comemorar seus cinco anos de existência, a companhia lança, neste mês, o livro "Jogo de Corpo - Ensaio Sobre a São Paulo Companhia de Dança", quarto número do acervo; e o documentário "Canteiro de Obras 2013", com direção de Kiko Goifman e Jurandir Muller. Tanto o lançamento da obra quanto a exibição do filme acontecem no próximo dia 28, data exata de aniversário da companhia, na Livraria Martins Fontes, em São Paulo.

Rigor e delicadeza

Em "Canteiro de Obras 2013", mesmo quem desconhece a trajetória da companhia, consegue ter uma dimensão dos trabalhos realizados naquele ano, através de trechos das apresentações e registros dos ensaios.

Para balizar o conjunto de coreografias montadas anualmente, a diretoria define um tema, com o qual as montagens se harmonizam.

Para o ano passado, como registrado em "Canteiro de Obras", escolheu-se "Amor, vida e morte". "Esses três elementos estão muito ligados entre si e ao processo de concepção do dançarino. Na temporada de 2013, nossos trabalhos refletiram essa aproximação. 'Romeu e Julieta' é talvez a maior história de amor, vida e morte já escrita; 'Petite Mort', de Jiri Kylián, fala das mortes cotidianas, dos pequenos inícios e terminos, tão presentes na vida do artista; e 'Por Vos Muero', de Nacho Duato, é a entrega, o desejo, que também nos aniquila um pouco", detalha a diretora.

Dentro da temática, a capilaridade estética e técnica da SPCD possibilitam a execução do mais clássico ao contemporâneo. Desde o frenético "Peekaboo" (2013), criado especificamente para eles, pelo brasileiro de Marco Goecke; a "Romeu e Julieta" (2013), elaborado por Giovanni De Palma, o primeiro balé de noite inteira dançado pelo grupo.

Segundo Inês, cada encenador participa do processo de preparação, ensaiando e orientando os bailarinos. No vídeo, os integrantes reforçam a importância desse rodízio. Aliás, muitas das reflexões que bailarinos, direção e espectadores desenvolvem ao longo do documentário revelam-se soluções interessantes para grupos em geral. O rodízio de coreógrafos, sempre que possível, é uma delas.

Participativa

Entre os projetos desenvolvidos pela SPCD, um dos mais interessantes e que interessa a coreógrafos cearenses, inclusive, é o Ateliê de Coreógrafos Brasileiros. Consiste em um espaço de experimentação de coreografias desenvolvidas por brasileiros para a companhia.

"É um espaço para qualquer criação que dialogue com o perfil da companhia e que seja desenvolvida por coreógrafos nacionais. Nós avaliamos a montagem e, se aprovada, desenvolvemos. Foi o caso de 'Peekaboo' em 2013", comenta Bórges. Segundo ela, dentro dessa perspectiva, se coreógrafos cearenses tiverem interesse em submeter trabalhos à avaliação da companhia, serão bem-vindos.

No DVD, Kiko Goifman e Jurandir Muller dedicam um capítulo especialmente ao eixo formativo da companhia, dotado de ações dignas de serem replicadas.

Nas séries de apresentações para estudantes e pessoas da terceira idade, a direção prepara um momento único de interação da plateia com os bailarinos. Desenvolve dinâmicas de movimento, para que ela assimile noções de espacialidade; leva alguns espectadores para o palco; e testa-lhes a habilidade de, por exemplo, ajudar uma bailarina a equilibrar-se em uma sapatilha de ponta. Como tal contato acontece antes da apresentação, o que se vê na plateia são pessoas solidárias ao trabalho do dançarino, já que compreenderam - ainda que parcialmente - o desafio de subir no palco.

Outra iniciativa é voltada para os professores, que participam de oficinas de dança e palestras. "Nosso contato com os professores é também valioso por que, a partir deles, conhecemos mais sobre nossa plateia estudantil. Nas oficinas, deixamos clara a importância de se manter uma harmonia com o corpo, que é instrumento de expressão também do professor e do aluno", esmiuça a diretora.

Para ter acesso ao material educativo e de memória da companhia, basta entrar em contato através do e-mail (educativo@spcd.com.br)

MAYARA DE ARAÚJO
REPÓRTER

Pensamento multidisciplinar

Além dos documentários "Canteiros de Obras", sobre os trabalhos anuais da companhia, e "Figuras da Dança", com perfis de personalidades importantes da linguagem no Brasil, destaca-se também a produção ensaística da companhia.

Dupla de bailarinos Michelle Molina e Felipe Camarotto em "Mamihlapinatapai", de Jomar Mesquita
FOTO: ARNALDO J G TORRES/ DIVULGAÇÃO

Mais uma vez justificada por tratar-se de um equipamento público, a coleção de livros é mais uma contrapartida do grupo, a fim de contribuir com o desenvolvimento do cenário da dança em geral, para além de sua própria rotina. Isso acontece por que, ainda que os textos tenham como base o tema escolhido para aquele ano da SPCD e o próprio equipamento, eles dialogam a partir de olhares muito amplos.

"Através dos livros, encampamos um espaço de escrita e reflexão da dança, mas de outros profissionais: músicos, fotógrafos, jornalistas, filósofos, são sempre vários autores, de diferentes prismas, olhando para a arte da dança, instigados por alguma questão levantada pela 'São Paulo', então, ainda que se olhe para a nossa obra, discute-se a dança como um todo", afirma Inês Bórgea, diretora da SPCD.

Olhares

Para falar de "Amor, vida e morte", por exemplo, a semiótica Lucia Santaella compila teorias de diversos pensadores sobre essa tríade, tão revisitada pela filosofia, aliás. Já em "Ensaio sobre o movimento", enquanto Evaldo Mocarzel fala de seu desejo de produzir um documentário que acompanhasse a criação de uma dança desde os primeiros ensaios e que prescindisse de entrevistas (de fala), dá uma aula de teoria da dança, ao pensá-la como expressão mimética ancestral, cenário rudimentar de fruição do pensamento.

"Além de cineasta, sou dramaturgo e, logicamente, amo a palavra - mais confesso que a amplitude da dança engole em transcendência a trajetória de milhares de anos do teatro", afirma o autor.

Artigos teóricos e depoimentos de parcerias, mesclam-se a um capítulo dedicado apenas à reunião de matérias e críticas veiculadas dos meios de comunicação, um modo de perpetuar o olhar da imprensa especializada e de dar a revisitar as análises feitas a seus trabalhos.

Viajar por quatro países em 45 dias exige organização. A equipe em turnê tem 31 integrantes, 23 deles bailarinos. Todos têm um roteiro da temporada, com horários de voos e ônibus, check-in e check-out em hotéis, refeições, aulas, ensaios, montagens de palco, marcações de luz, espetáculos e folgas. Tudo é seguido à risca, mas, segundo Inês, imprevistos acontecem. "A turbina do avião em Zurique quebrou. A gente foi até Frankfurt e ficamos um dia lá. Chegamos um dia depois do previsto ao Canadá. A folga dos bailarinos não ocorreu e a gente estreou com jet lag. E não teve o que fazer."

Apesar do cansaço e da preparação antes de viajar (como deixar os gatos com algum conhecido), a solista Ana Paula Camargo vê a turnê como oportunidade de crescimento. "Há uma preocupação com a receptividade do público e até da crítica do local. Mas acho ótimo o contato com outra cultura, comida, outra mentalidade e funcionamento social. Tudo vira referência e me influencia."

As turnês da SPCD são organizadas com dois anos de antecedência. Em 2017, já existem apresentações marcadas na França, Alemanha e Bélgica; a passagem por Israel ainda está em negociação. Em 2018, o grupo dançará O Sonho de Dom Quixote, de Marcia Haydée, na Alemanha.